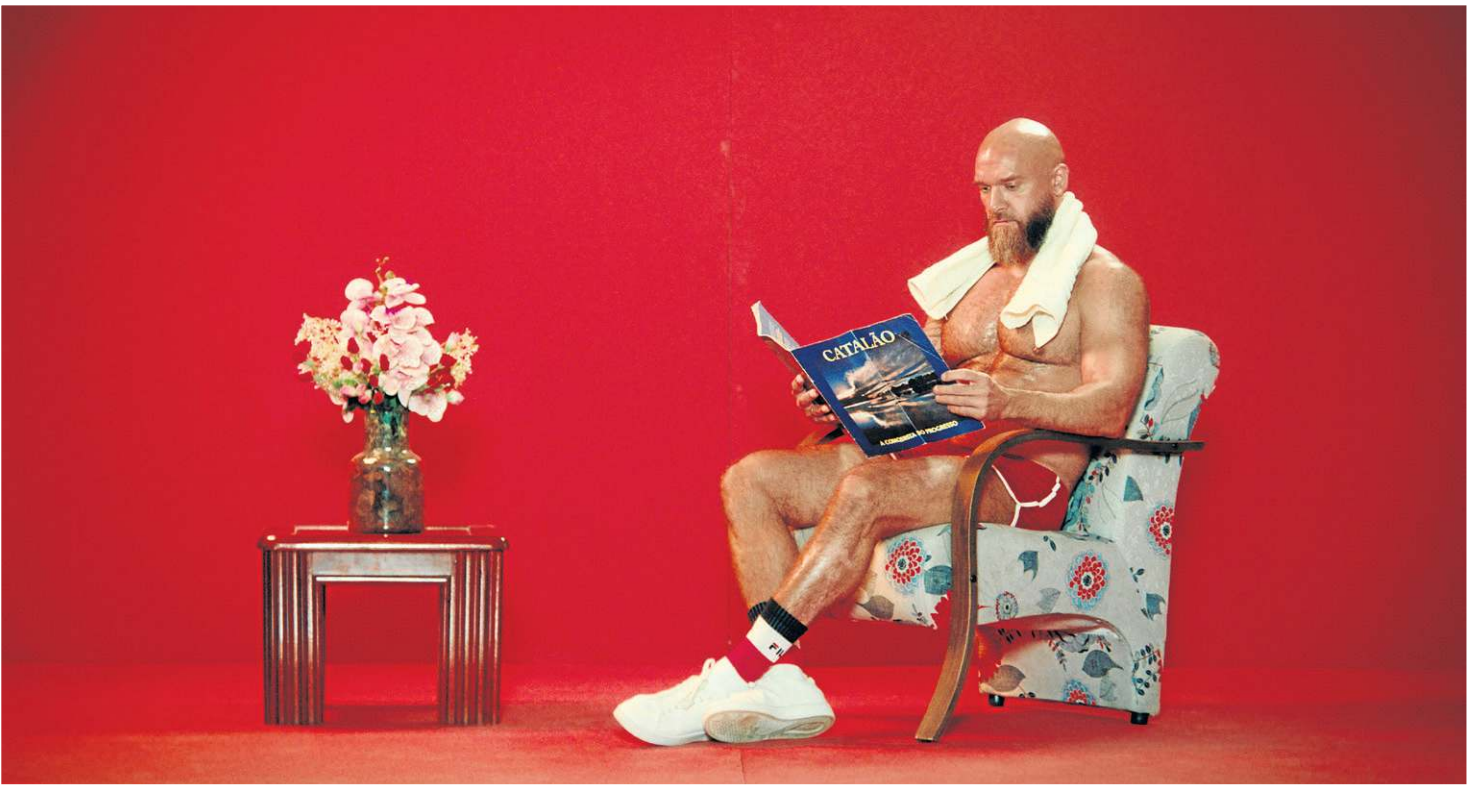


@Felipe Quintelas



Tom of Finland e Fassbinder são influências para o diretor Nolasco



A vida como ela é... e pode não ser

Daniel Nolasco, representante do cinema queer do Centro-Oeste, entra na mostra competitiva do Festival de Cinema com o longa *Pequenas tragédias*, detido nas consequências da homofobia estrutural

» RICARDO DAEHN

Visibilidade é a palavra associada ao cinema do goiano Daniel Nolasco que, há exato ano, encerrava as filmagens do longa *Pequenas tragédias*, título associado aos longas anteriores dele, entre os quais *Apenas coisas boas* e *Vento seco*. *Pequenas tragédias* é o segundo filme da leva de 2026 a disputar os prêmios Candango, com a exibição, a partir de hoje, no Cine Brasília. “Brasília é muito próxima de Goiânia, que é onde está a nossa produtora e onde há muita gente da equipe do filme. Acho que vai ter muita gente que participou do *Pequenas tragédias* que vai conseguir estar presente na sessão do Festival de Brasília, e isso tornará tudo bastante especial. A gente tem algumas estreias em outros festivais, mas que ainda não podem ser divulgadas”, conta o diretor, em entrevista ao *Correio*.

O novo filme, que trata de questões e círculos muito íntimos do cineasta, segue a linguagem documental dos anteriores *Paulistas* e *Mr. Leather*. “É um filme, de certa forma, que reflete em torno de violência dos vários tipos que acontecem com as pessoas LGBTQs. Num lugar como Catalão existe homofobia estrutural. Pensamos muito sobre como filmar violência e, apesar disso, é um filme que também traz muito humor. Apostamos numa pegada de comédia também bastante presente. Há situações amorosas, e o filme tem também drama”, conta Daniel Nolasco.

Numa corrente de filmes que dão continuidade a pioneiros do cinema LGBTQ como Djalma Limongi Batista, Nolasco atenta para o interesse que ele traz por temas e personagens interioranos. “O filme é, principalmente, sobre Catalão e procura investigar um pouco porque pessoas LGBTQs,

queer, migram de cidades pequenas para centros urbanos”, comenta. Um montante de R\$ 700 mil foi o orçamento empregado no longa. Tudo foi viabilizado pela Lei Paulo Gustavo e por linha de edital destinado a documentários. A parte de finalização veio por meio de coprodução com a Alemanha e houve ainda um prêmio (em dividendos) saído do Mafiz (Malaga Festival Industry Zone, área de mercado com estímulo a filmes ibero-americanos), no Festival de Málaga, sem contar os dividendos de prévias vendas internacionais.



Confira vídeo da entrevista com Daniel Nolasco



Cena do longa *Pequenas tragédias*, de Daniel Nolasco: mixagem de documentário e ficção

FILMES DA NOITE

No Cine Brasília (EQS 106/107), às 21h, na sala Vladimir Carvalho, exibição do longa *Pequenas tragédias* (GO), de Daniel Nolasco. Sessão acompanha o curta: *Gastronomia do olho* (DF), de Nicolau. Ingressos, R\$ 20 (inteira). Amanhã, às 10h, a mesma programação terá entrada livre, em exibição no Cine Cultura Liberty Mall.

ENTREVISTA // DANIEL NOLASCO, CINEASTA

Como ver um filme tão intimista exposto para o privilegiado espaço de 600 pessoas no Cine Brasília?

Será a primeira vez que mostro um filme no Festival de Brasília. Há expectativas, claro. É a estreia mundial do filme. Conheço a sala de cinema, por ter estado no Curta Brasília, conheço a dimensão que é o cinema. Confesso que não sei exatamente qual o público esperar, até por nunca ter estado no evento; nem como espectador.

Seu filme é um documentário híbrido — o que isso representa, em termos de linguagem?

Ele mistura documentário, ficção e tem muita ficcionalização, muita fabulação, dentro das histórias que a gente está contando. Eu não estou na frente da tela: tem um ator que me interpreta. O filme é narrado em primeira pessoa, e eu sou o narrador, mas quem faz a minha voz é um outro ator que nem mesmo é o que aparece na tela (me representando). Há todo esse jogo. O filme é, principalmente, sobre Catalão e procura investigar um pouco porque pessoas LGBTQs, queer, migram de cidades pequenas para centros urbanos. Há histórias de dois amigos, e de outros dois personagens que eram mais conhecidos, com os quais tínhamos ligações. Eles também não estão mais na cidade, migraram — alguns personagens até mesmo foram para Brasília. Então, o filme se propõe a entender porque transcorre a migração. Há toda uma dinâmica de construção e de estética, em camadas narrativas.

Na linha documental com que se identifica?

Uma referência que é muito forte meus dois primeiros longas (documentais), *Paulistas* e *Mr. Leather*, é o Raymond Depardon, que um cineasta francês que traz filmografia voltada sempre para a mesma região, uma área rural com a qual tinha uma certa ligação e filmava as transformações ocorridas. É um pouco o processo que eu faço com Catalão, de onde saí em 2010. Quase toda minha obra se passa lá: volto e filmo transformações. Quando eu estava lá filmando *Vento seco* (longa-metragem), percebi que daquele grupo de amigos que eu tinha, ninguém morava mais lá. Veio assim o projeto do *Pequenas tragédias*.

Crê que consiga conversar com público hétero que traga visão ampla de cinema?

Quanto ao diálogo com o público, vejo que o filme trabalha com uma estética, uma linguagem queer bastante forte, tal qual outros da minha obra. Quando a gente vai falar sobre filmes com propostas de linguagens que não abraçam estritamente o cinema mais comercial, a gente pede que o espectador esteja aberto às propostas. Não trago com *Pequenas tragédias* nenhuma ruptura disso. Mas há uma nova perspectiva sobre como trabalhar com códigos estéticos, com histórias bastante universais. Há dramas humanos com os quais

acho que qualquer pessoa, independente da orientação sexual, consegue se identificar. Noto assim a capacidade de comunicação com o público, mesmo que não seja um público LGBT.

Você apostou em rostos conhecidos no elenco?

O elenco é misto e trazendo atores profissionais como o Lucas Drummond (de *Apenas coisas boas*) e o Guilherme Théo (de *Apenas coisas boas* e *O cavalo de Pedro*). Tem atores não profissionais e há ainda pessoas reais interpretando a si próprias: temos essas três camadas de atuação dentro do filme. A gente tem o Ronaldo Martins que é professor hoje e faz doutorado em geografia e temos ainda outro ator que realiza trabalhos como técnico nas telecomunicações. Desses personagens; me excetuando, todos os outros não têm nenhuma ligação direta com cinema.

O que te alimenta visualmente? Além de cinema, artes plásticas também?

Trago referências principalmente cinematográficas. Há farol digamos para a realização dos filmes e o principal deles para mim é Rainer-Werner Fassbinder. Gosto de como ele trabalha a questão do erotismo e do melodrama. Em referências, vejo os meus enquadramentos que se aproximam à questão de ele construir quadros dentro dos planos de cinema. Outra referência que é muito forte é quadrinista *Tom of Finland*, que é o pai da estética fetichista. Quando a gente pensa no universo do leather e do BDSM, na questão de composição e de homoerotismo, o *Tom of Finland* foi um precursor, ali na década de 60, de 70. Eu trabalho com a estética queer.

Que expectativa você tem em relação aos seus oponentes (risos), concorrentes aos prêmios do Festival?

A pessoa mais próxima do grupo em competição é o Gustavo Vinagre: tivemos encontros em outros festivais e, de certa forma, os nossos cinemas dialogam. Ele também trabalha muito com questões estéticas queer. Quando eu comecei a trabalhar, Vinagre já tinha feito *Nova Dubai* (curta de 2014). Vinagre sempre foi uma referência quando a gente está pensando neste cinema atual. Estou curioso para ver o novo filme dele, *Privadas de suas vidas* (em codireção com Gurcius Gewdner) nesta parceria produzida pelo Rodrigo Teixeira. Conheço também o trabalho da Glenda Nicácio e do Ari Rosa, com filme como o *Café com canela*. Acompanho toda a obra do André Novais Oliveira, uma grande referência dentro do cinema brasileiro. Conheço ainda o trabalho do Marcos Guttman, que traz documentário *Tudo é tempo*. Então, acho que vai ser bastante interessante entender como é que esses filmes vão dialogar, ali dentro, no Cine Brasília, sendo todos bastante diferentes.

GURULINO

CONTEMPLATIVO E ESPIRITUOSO
por Pedro SARGENT



@GURULINO